

# COMÉRCIO EXTERIOR DOS AGRONEGÓCIOS BRASILEIROS: desempenho dos principais grupos de cadeias de produção, 1997-2003<sup>1</sup>

José Sidnei Gonçalves<sup>2</sup>  
Sueli Alves Moreira Souza<sup>3</sup>  
José Roberto Vicente<sup>2</sup>

## 1 - INTRODUÇÃO

O desempenho recente da balança comercial brasileira tem mostrado um enorme dinamismo da produção nacional dos agronegócios, que vem apresentando significativo crescimento das exportações e dos saldos comerciais, com redução das importações do setor. Grandes números são divulgados com alarde, para destacar aquilo que realmente se mostra auspicioso, qual seja, o avanço significativo da competitividade setorial. Não há espaço para dúvidas quanto à consistência desse incremento da inserção externa dos agronegócios brasileiros, bem como também há pouca contestação de que, no caminho escolhido para empreender o seu processo de desenvolvimento, o Brasil precisa ampliar de forma ainda mais decisiva sua inserção no mercado internacional.

Nas análises dos dados da balança comercial dos agronegócios brasileiros, não se tem dado a devida ênfase estruturada na evolução dos desempenhos particulares dos diversos grupos de cadeias de produção, que quase sempre são citadas somente como elemento constitutivo dos recortes de curto prazo, para validar sucessos do desempenho macroeconômico mais imediato, em termos de evolução dos saldos comerciais. Pouco se tem refletido, no detalhe, para os desempenhos específicos e comparados das cadeias de produção, de forma a precisar não apenas onde os agronegócios brasileiros tem aumentado sua participação no mercado internacional, mas, principalmente, em quais segmentos não se tem obtido similar sucesso. Isso porque a concretização da estratégia global de balanço de paga-

mentos superavitário, advindo de competitividade comercial, exige a ampliação não apenas das vendas externas das cadeias de produção líderes, mas também da diversificação qualitativa e quantitativa da pauta de exportações. Este trabalho pretende contribuir nessa direção ao apresentar o desempenho dos principais grupos de produtos das cadeias de produção dos agronegócios nacionais de origem vegetal e animal e a evolução das cadeias de bens de capital e para nichos de mercado, a partir de dados anuais consolidados para o período 1997-2003.

## 2 - DESEMPENHO RECENTE DO COMÉRCIO EXTERIOR DAS CADEIAS DE PRODUÇÃO DE ORIGEM VEGETAL

A balança comercial da cadeia de produção dos agronegócios têxteis reverteu uma realidade de saldos comerciais negativos, saindo de *déficit* de US\$398 milhões em 1997 para *superávit* de US\$1,0 bilhão em 2003, desempenho derivado diretamente do comportamento das importações, que caíram 77,5% no período 1997-2003, saindo de US\$1,5 bilhão em 1997 para US\$327 milhões em 2003. Já as exportações têxteis tiveram um comportamento errático, girando em torno da média de US\$1,04 bilhão, com exceção de 2003, quando ocorreu incremento que representou um salto para o patamar de US\$1,4 bilhão, mas sobre o qual não houve como configurar tendência (Tabela 1). Nas cadeias de produção de têxteis, portanto, verificou-se o impacto preponderante e decisivo da mudança de política cambial efetivada em 1999, que encareceu os produtos importados levando à diminuição das compras no exterior. O recomeço das vendas de pluma e as perspectivas de redução dos subsídios à exportação pela União Européia e Estados Unidos podem abrir espaço para ampliar as exportações brasilei-

<sup>1</sup>Registrado no CCTC n. IE-60/2004.

<sup>2</sup>Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

<sup>3</sup>Economista, Assistente Técnico de Pesquisa Científica e Tecnológica do Instituto de Economia Agrícola.

ras, a partir de sua cotonicultura e não da agroindústria de têxteis e vestuário.

TABELA 1 - Evolução do Comércio Exterior da Cadeia de Produção dos Agronegócios Têxteis, Brasil, 1997-2003 (em US\$1.000)

Ano	Exportação	Importação	Saldo comercial
1997	1.057.506	1.455.033	-397.527
1998	919.765	1.105.871	-186.106
1999	826.335	724.404	101.931
2000	1.012.820	666.244	346.576
2001	1.133.325	373.475	759.850
2002	993.044	272.688	720.356
2003	1.365.450	326.803	1.038.647

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

No agrupamento de cadeias de produção dos agronegócios do café e estimulantes, os saldos comerciais declinam de US\$3,2 bilhões para US\$1,7 bilhão no período 1997-2003 (-46,1%), com pequena recuperação no último ano. Esse desempenho decorre diretamente da conjuntura do mercado internacional do café, com preços cadentes no horizonte de tempo considerado. As exportações recuaram de US\$3,4 bilhões em 1997 para US\$1,9 bilhão em 2003 (-43,8%) (Tabela 2). Nesse mercado de matéria-prima, onde o Brasil ainda é o maior ofertante mundial, a oferta continua a determinar os preços, como desde o final do século XIX. Face aos preços internacionais, os impactos na geração de divisas das vendas externas da produção da referida rubiácea foram significativos, com reflexos internos minimizados pela diversificação da pauta de exportação dos agronegócios.

TABELA 2 - Evolução do Comércio Exterior das Cadeias de Produção dos Agronegócios do Café e Estimulantes, Brasil, 1997-2003 (em US\$1.000)

Ano	Exportação	Importação	Saldo comercial
1997	3.361.854	126.452	3.235.402
1998	2.855.531	115.856	2.739.675
1999	2.658.740	138.195	2.520.545
2000	1.985.095	101.517	1.883.578
2001	1.630.369	70.821	1.559.548
2002	1.619.120	132.226	1.486.894
2003	1.890.431	144.996	1.745.435

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

Nas cadeias de produção dos agronegócios da cana e sacarídeas, no período 1997-2003 o saldo comercial cresceu de US\$1,6 bilhão em 1997 para US\$2,3 bilhões em 2003 (+44,8%), devido principalmente às exportações, que evoluíram 26,5%, saltando de US\$1,8 bilhão para US\$2,3 bilhões em 2003 (Tabela 3). Um aspecto a ser ressaltado consiste na estagnação do patamar das exportações em torno de US\$2,3 bilhões no triênio 2001-03, com semelhante *performance* dos saldos comerciais. Nessas cadeias de produção, onde o principal produto brasileiro é o açúcar, a concorrência com produtos protegidos em mercados relevantes, como o norte-americano e o europeu, além das suas políticas de subsídio às exportações tolgem a expansão das vendas externas brasileiras, que somente serão desativadas com a redução do protecionismo das agriculturas dos países ricos, muito anunciado e não implementado.

TABELA 3 - Evolução do Comércio Exterior das Cadeias de Produção dos Agronegócios da Cana e Sacarídeas, Brasil, 1997-2003 (em US\$1.000)

Ano	Exportação	Importação	Saldo comercial
1997	1.839.085	266.544	1.572.541
1998	1.989.577	72.564	1.917.013
1999	1.987.840	64.332	1.923.508
2000	1.247.342	60.876	1.186.466
2001	2.385.641	102.053	2.283.588
2002	2.286.437	52.500	2.233.937
2003	2.325.866	48.623	2.277.243

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

Nas cadeias de produção dos agronegócios das frutas, os saldos comerciais apresentam alternância de queda e crescimento no período 1997-2003, num desempenho similar ao verificado com o fluxo das exportações frutícolas, sendo o suco cítrico o principal produto. Os saldos crescem de US\$984 milhões em 1997 para 1,3 bilhão em 1999, recuam para o valor anterior (US\$985 milhões) em 2001, retomam o crescimento em 2002 e alcançam US\$1,6 bilhão em 2003. As importações das cadeias de produção de frutas mostram queda persistente a partir de 1999-2003, recuando de US\$448,1 milhões nessa data para US\$213,9 milhões em 2003, sendo essa redução decorrente basicamente da mudança na política cambial. As exportações alter-

nam aumentos e recuos tal como os saldos comerciais. Crescendo de US\$1,4 bilhão em 1997 para US\$1,7 bilhão em 1999, diminuindo para US\$1,3 bilhão em 2001 e crescendo para US\$1,8 bilhão em 2003 (Tabela 4).

TABELA 4 - Evolução do Comércio Exterior das Cadeias de Produção dos Agronegócios das Frutas, Brasil, 1997-2003 (em US\$1.000)

Ano	Exportação	Importação	Saldo comercial
1997	1.425.779	442.000	983.779
1998	1.643.863	448.117	1.195.746
1999	1.660.169	337.383	1.322.786
2000	1.506.710	302.669	1.204.041
2001	1.275.196	290.272	984.924
2002	1.526.799	221.488	1.305.311
2003	1.842.638	213.887	1.628.751

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

As trocas internacionais das cadeias de produção dos cereais e oleaginosas no período 1997-2003 estão diretamente relacionadas com a venda de soja e com as compras de trigo e arroz. As importações recuam de US\$2,4 bilhões em 1997 para US\$1,7 bilhão em 2002, voltando a crescer em 2003 quando totalizam US\$2,2 bilhões, num movimento diretamente associado ao suprimento de trigo e arroz para o abastecimento interno. As exportações, após recuarem de US\$6,1 bilhões para US\$4,0 bilhões no triênio 1997-1999, crescem de forma sustentada no quinquênio 1999-2003, alcançando US\$8,8 bilhões no último ano, em razão do desempenho da soja, em especial pela pressão de demanda sobre o produto, derivada da substituição da fonte de proteínas da ração animal, e de matéria-prima animal por vegetal, em função do surtos de "vaca louca" nos rebanhos europeus criados em sistemas estabelecidos. Em função desses desempenhos, os saldos comerciais das cadeias de produção de cereais e oleaginosas, que recuaram no triênio 1997-1999 de US\$3,8 bilhões para US\$2,2 bilhões, revertem a tendência no quinquênio 1999-2003, culminando com US\$6,6 bilhões em 2003 (Tabela 5). Em linhas gerais, enquanto as importações mostram rigidez para movimentos de queda, em função de trigo e arroz serem elementos essenciais para o abastecimento interno, a mudança da política cambial e o incremento da demanda internacional impulsionaram as vendas de soja, impactando de forma positiva as vendas externas de grãos.

*Informações Econômicas, SP, v.34, n.12, dez. 2004.*

TABELA 5 - Evolução do Comércio Exterior das Cadeias de Produção dos Agronegócios dos Cereais e Oleaginosas, Brasil, 1997-2003 (em US\$1.000)

Ano	Exportação	Importação	Saldo comercial
1997	6.120.804	2.359.832	3.760.972
1998	4.995.175	2.769.555	2.225.620
1999	4.034.842	1.840.357	2.194.485
2000	4.437.320	1.870.656	2.566.664
2001	6.070.408	1.761.107	4.309.301
2002	6.481.875	1.743.686	4.738.189
2003	8.758.211	2.161.187	6.597.024

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

A balança comercial das cadeias de produção dos agronegócios de produtos florestais mostra saldos crescentes no período 1997-2003, saindo de US\$2,0 bilhões em 1997 para atingir US\$4,7 bilhões em 2003 (+139,9%), fruto de movimentos de tendência contrárias das exportações e das importações. As exportações crescem de US\$3,8 bilhões para US\$5,7 bilhões (+50,4%), enquanto as importações decrescem de US\$1,8 bilhão para US\$976,9 milhões (-46,3%) (Tabela 6). Verifica-se aí tanto o incremento da competitividade setorial nacional, com a mudança da política cambial efetivada no início de 1999, como os impactos dessa medida nos preços dos produtos estrangeiros. As cadeias de produção de produtos florestais brasileiras têm segmentos com elevadas vantagens competitivas no cenário internacional.

TABELA 6 - Evolução do Comércio Exterior das Cadeias de Produção dos Agronegócios dos Produtos Florestais, Brasil, 1997-2003 (em US\$1.000)

Ano	Exportação	Importação	Saldo comercial
1997	3.788.705	1.820.396	1.968.309
1998	3.632.095	1.776.079	1.856.016
1999	4.120.067	1.289.417	2.830.650
2000	4.655.292	1.472.782	3.182.510
2001	4.271.902	1.214.110	3.057.792
2002	4.469.532	994.466	3.475.066
2003	5.698.335	976.873	4.721.462

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

As transações internacionais da cadeia de produção de fumo mostra um significativo recuo dos saldos comerciais, do patamar de US\$1,6 bilhão em 1997 para US\$1,1 bilhão em

2003 (-32,3%). A partir de 1999, mesmo com a mudança da política cambial mais favorável às exportações, os saldos comerciais do fumo brasileiro não cresceram em ritmo consistente com a média dos agronegócios nacionais. Para patamar de importação pouco representativo no comércio exterior total da cadeia que, no último quinquênio, foi em média de US\$21 milhões, as exportações respondem pela parcela preponderante das transações com o exterior. Entretanto, as vendas externas caíram 34,5% no período 1997-2003, mostrando os mesmos números dos saldos comerciais (Tabela 7). Ainda que não tenha demonstrado o dinamismo das exportações das demais cadeias de produção dos agronegócios, a do fumo permanece relevante no contexto da pauta de vendas externas dos agronegócios brasileiros. A enorme pressão internacional da legislação anti-tabagista teve efeito direto sobre as exportações brasileiras de fumo, levando à manutenção do patamar das vendas externas no último triênio.

TABELA 7 - Evolução do Comércio Exterior da Cadeia de Produção do Agronegócio do Fumo, Brasil, 1997-2003 (em US\$1.000)

Ano	Exportação	Importação	Saldo comercial
1997	1.664.806	92.083	1.572.723
1998	1.558.989	78.050	1.480.939
1999	961.237	13.341	947.896
2000	841.474	18.280	823.194
2001	944.316	25.043	919.273
2002	1.008.169	25.142	983.027
2003	1.090.259	24.758	1.065.501

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

As importações anuais somam mais que as exportações nas cadeias de produção de olerícolas, que apresentam saldos comerciais negativos no período 1997-2003, ainda que esses *déficits* tenham recuado 71,9%, caindo de US\$378,5 milhões em 1997 para US\$106,4 milhões em 2003. Fundamentalmente isso decorre da redução das importações em todo o período, em que as compras externas caíram de US\$479,1 milhões para US\$218,4 milhões (-54,4%), uma vez que as exportações, após crescerem de US\$100,6 milhões para US\$152,8 milhões no triênio 1997-1999, recuam de forma consistente no

quinquênio 1999-2003, saindo de US\$152,8 milhões para US\$112,0 milhões (Tabela 8). As importações brasileiras de olerícolas abrangem principalmente batata, cebola, alho e produtos específicos, como batatas preparadas e congeladas, ervilhas, azeitonas, lentilha, espinafre e sementes de hortaliças e tubérculos de batata para semente. Numa estrutura nacional ainda desprovida da logística necessária para operar com exportações em volumes significativos de produtos frescos, apesar da imensa potencialidade e de casos localizados de sucesso, o comércio exterior brasileiro de olerícolas mantém-se deficitário.

TABELA 8 - Evolução do Comércio Exterior das Cadeias de Produção das Olerícolas, Brasil, 1997-2003 (em US\$1.000)

Ano	Exportação	Importação	Saldo comercial
1997	100.554	479.088	-378.534
1998	126.014	488.535	-362.521
1999	152.755	339.511	-186.756
2000	130.675	288.626	-157.951
2001	126.496	272.259	-145.763
2002	113.287	241.726	-128.439
2003	112.026	218.444	-106.418

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

As compras externas das cadeias de produção de flores e plantas ornamentais também mostram-se maiores que as vendas externas em todo período 1997-2003, ainda que o *déficit* tenha recuado 48,5%, de US\$41,5 milhões em 1997 para US\$21,4 milhões em 2003. As exportações evoluíram de forma significativa, aumentando 60,4% nesse período, saindo de US\$13,4 milhões para US\$21,5 milhões. Já as importações mostram movimento errático de quedas e incrementos, ainda que o patamar de 2003, no valor de US\$42,9 milhões, seja 21,9% menor que o de US\$54,9 milhões, observado em 1997 (Tabela 9). O comércio exterior das cadeias de produção de flores e plantas ornamentais mostra-se positivo quando se consideram apenas as transações dos produtos *in natura*. O déficit decorrer de importações de manufaturados, que constituem matérias-primas para a agroindústria de cosméticos, como óleos essenciais de gerânio, jasmim, alfazema e lavanda e soluções concentradas de óleos essenciais, perfumes, estra-

tos e água de colônia. O avanço da agroindústria brasileira de cosméticos reforça a importação, dada a ampla presença de essências estrangeiras nas formulações consumidas no Brasil.

TABELA 9 - Evolução do Comércio Exterior das Cadeias de Produção de Flores e Plantas Ornamentais, Brasil, 1997-2003  
(em US\$1.000)

Ano	Exportação	Importação	Saldo comercial
1997	13.402	54.867	-41.465
1998	14.194	53.745	-39.551
1999	14.657	41.246	-26.589
2000	13.227	49.390	-36.163
2001	14.534	39.315	-24.781
2002	16.309	35.821	-19.512
2003	21.496	42.861	-21.365

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

### 3 - DESEMPENHO RECENTE DO COMÉRCIO EXTERIOR DAS CADEIAS DE PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL

Os desempenhos brasileiros no comércio exterior das cadeias de produção de origem animal se mostram superavitários no três grandes grupos: bovídeos, suínos e aves e pescado. Nas cadeias de produção de bovídeos, em que os principais produtos exportados são carnes, o saldo comercial mais que dobra no período 1997-2003, crescendo 122,9% (de US\$1,7 bilhão em 1997 para US\$3,8 bilhões em 2003). Esse aumento decorre, principalmente, do considerável incremento de 55,4% das exportações, que evoluíram de US\$2,7 bilhões em 1997 para US\$4,1 bilhões em 2003, ao mesmo tempo em que as importações recuavam 66,1%, caindo de US\$951,4 milhões para US\$322,2 milhões (Tabela 10). As explicações para esse desempenho estão nos efeitos da mudança na política cambial, que em 1999 tornou os produtos brasileiros com preços mais atraentes no mercado internacional na mesma medida em que encarecia os importados, e na pressão pela certificação de qualidade sanitária, tendo em vista que no Brasil as criações tratam o animal, em especial o bovino, como herbívoro e não como carnívoro tal qual nos confinamentos europeus. Essa vantagem competitiva permitiu o avanço no mercado internacional da carne bovina brasileira, assim como já havia ocorrido com a carne de frango, ampliando a

presença internacional do maior rebanho comercial de bovinos do mundo.

TABELA 10 - Evolução do Comércio Exterior das Cadeias de Produção de Bovídeos, Brasil, 1997-2003  
(em US\$1.000)

Ano	Exportação	Importação	Saldo comercial
1997	2.663.728	951.358	1.712.370
1998	2.552.205	929.731	1.622.474
1999	2.648.111	713.604	1.934.507
2000	3.029.165	710.388	2.318.777
2001	3.447.825	445.081	3.002.744
2002	3.546.075	470.712	3.075.363
2003	4.138.341	322.231	3.816.110

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

Nas cadeias de produção de pescado há uma reversão da realidade de saldos comerciais negativos, uma vez que da situação de *déficits* cadentes no período 1997-2000, saindo de US\$318,1 milhões em 1997 para US\$59,6 milhões em 2000, passa-se a *superávits* crescentes no triênio 2001-2003, alcançando US\$209,0 milhões em 2003. As importações de pescado sofreram substantiva redução (52,4%), de US\$448,1 milhões em 1997 para US\$213,2 milhões em 2003, enquanto as exportações desse segmento dos agronegócios evoluiu de US\$129,9 milhões em 1997 para US\$422,2 milhões em 2003, crescendo 224,9% e mais que dobrando a inserção externa (Tabela 11). Os efeitos da alteração da política cambial, que impactou de forma decisiva as compras externas de pescado marinho, e as exportações de pescado continental, provenientes da expansão da aquíicultura, explicam essa alteração profunda verificada na balança comercial do pescado brasileiro.

TABELA 11 - Evolução do Comércio Exterior das Cadeias de Produção de Pescado, Brasil, 1997-2003  
(em US\$1.000)

Ano	Exportação	Importação	Saldo comercial
1997	129.935	448.061	-318.126
1998	126.167	455.503	-329.336
1999	141.042	289.954	-148.912
2000	241.050	300.635	-59.585
2001	286.694	267.437	19.257
2002	346.140	222.532	123.608
2003	422.189	213.159	209.030

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

As transações brasileiras no comércio exterior das cadeias de produção de suínos e aves mostram saldos comerciais positivos e crescentes no período 1997-2003, quando foram incrementados em 138,7% (US\$1,0 bilhão em 1997 para US\$2,5 bilhões em 2003). As importações, que sempre tiveram reduzida representatividade das referidas cadeias de produção, ainda assim mostram queda de 42,6% no período 1997-2003, partindo de US\$69,1 milhões em 1997 para US\$40,4 milhões em 2003. O desempenho dessas cadeias de produção está, portanto, inteiramente relacionado com a evolução das exportações, que cresceram 127,5%, mais que dobrando ao saltarem de US\$1,1 bilhão em 1997 para US\$2,5 bilhões em 2003 (Tabela 12). Essa *performance* deriva, essencialmente, da competitividade da cadeia de produção de carne avícola, cuja presença brasileira se consolidou em diversas áreas geográficas mundiais, em razão da enorme oferta interna dos insumos formadores da ração, quais sejam: soja e milho, condição que, aliada ao amplo processo de modernização das granjas, diferencia o produto brasileiro no mercado internacional.

TABELA 12 - Evolução do Comércio Exterior das Cadeias de Produção de Suínos e Aves, Brasil, 1997-2003 (em US\$1.000)

Ano	Exportação	Importação	Saldo comercial
1997	1.110.703	69.111	1.041.592
1998	986.371	66.490	919.881
1999	1.086.841	54.136	1.032.705
2000	1.102.888	48.973	1.053.915
2001	1.833.551	46.681	1.786.870
2002	1.997.488	52.367	1.945.121
2003	2.526.302	40.365	2.485.937

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

#### 4 - DESEMPENHO RECENTE DO COMÉRCIO EXTERIOR DAS CADEIAS DE PRODUÇÃO DE BENS DE CAPITAL E PARA NICHOS DE MERCADO

As cadeias de produção dos agronegócios especiais focados na ocupação de nichos de mercado mostram o processo de busca de mercados externos para novos produtos brasileiros. O saldo comercial obtido nas transações externas com agronegócios especiais cresce

substancialmente no período 1997-2003, de US\$2,7 milhões em 1997 para US\$489,9 milhões em 2003. Nesse período, as importações revelam um recuo de 27,2%, caindo de US\$592,2 milhões para US\$431,0 milhões, enquanto as exportações cresceram 58,2%, saltando de US\$594,8 milhões em 1997, para a expressiva marca de US\$921,0 milhões em 2003 (Tabela 13). A diversidade impulsionada na pauta de exportações dos agronegócios especiais explica o desempenho do comércio exterior destinado a esses nichos de mercado, como mel e óleos essenciais, assumindo no seu conjunto níveis compatíveis com as grandes cadeias de produção dos agronegócios.

TABELA 13 - Evolução do Comércio Exterior das Cadeias de Produção dos Agronegócios para Nichos de Mercado, Brasil, 1997-2003 (em US\$1.000)

Ano	Exportação	Importação	Saldo comercial
1997	594.840	592.155	2.685
1998	601.762	591.574	10.188
1999	644.195	470.935	173.260
2000	843.358	479.614	363.744
2001	814.046	442.416	371.630
2002	806.198	449.550	356.648
2003	920.977	431.039	489.938

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

Uma balança comercial que tradicionalmente apresenta *déficits* nos saldos comerciais é a dos bens de capital e insumos estratégicos para os agronegócios. Isso porque essa conta do lado das importações mostra o esforço pela modernidade na compra de maquinaria sofisticada, em especial para transformação agronegócios, e a intensidade do uso de insumos que o Brasil não tem auto-suficiência. Isso se torna nítido quando se visualiza o desempenho da conta importações, a qual, a despeito da mudança da política cambial que aumentou os custos dos produtos importados, ainda assim, as compras no exterior de bens de capital e insumos recuam apenas 5,4% no período 1997-2003, saindo de US\$3,5 bilhões em 1997 para US\$3,3 bilhões em 2003, após algumas oscilações nos anos intermediários. O saldo comercial mostra-se oscilante mas persistentemente negativo, ainda que tenha recuado de US\$2,4 milhões para um patamar próximo dos US\$2,0 bilhões no último biênio. E assim tem se mantido porque as exportações brasi-

leiras, em especial de bens de capital, crescem de forma persistente no quinquênio 1999-2003, saindo de US\$728 milhões em 1999 para US\$1,3 bilhão em 2003 (Tabela 14). No geral, o saldo negativo da conta de bens de capital e insumos para os agronegócios, ao contrário das demais, mostra-se como um aspecto positivo por revelar a intensidade da modernização dos agronegócios brasileiros, ainda que também seja relevante a ampliação da presença externa das máquinas e equipamentos agrícolas da agroindústria brasileira de bens de capital para a agricultura, que reduz o nível dos *déficits* da balança comercial setorial.

TABELA 14 - Evolução do Comércio Exterior dos Agronegócios de Bens de Capital e Insumos Estratégicos, Brasil, 1997-2003  
(em US\$1.000)

Ano	Exportação	Importação	Saldo comercial
1997	1.092.518	3.531.705	-2.439.187
1998	1.050.407	3.326.356	-2.275.949
1999	728.135	2.792.317	-2.064.182
2000	732.297	3.102.534	-2.370.237
2001	773.098	3.210.503	-2.437.405
2002	853.320	2.767.010	-1.913.690
2003	1.314.748	3.342.453	-2.027.705

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

- Segmentos superavitários, que apresentaram incrementos de exportação e dos saldos comerciais, representados pelos cereais e oleaginosas (soja), produtos florestais, carnes (bovina e avícola), pescado (que reverteu o *déficit*), agronegócios especiais para nichos de mercado, e com menor incremento cana (açúcar) e frutas (sucos cítricos).
- Segmentos superavitários, que apresentaram reduzido crescimento ou queda da exportação e dos saldos comerciais, representados pelos têxteis, café e fumo.
- Segmentos deficitários, que apresentaram *déficits* comerciais em todo o período, representados pelas olerícolas (principalmente batata, cebola e alho), flores e plantas ornamentais (em razão da importação de matérias-primas para a agroindústria de cosméticos) e os bens de capital e insumos estratégicos (compras fundamentais para a competitividade setorial).

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os saldos da balança comercial brasileira têm mostrado o vigor e a liderança dos agronegócios, setor econômico que responde pela sustentação do incremento da inserção externa brasileira no período recente. A existência de capacidade interna de ofertar produtos a preços e qualidade compatíveis permitiu que as estratégias exportadoras tivessem sucesso, em especial pelo apoio às exportações e pela mudança da política cambial realizada no início de 1999. Entretanto, a avaliação desse sucesso dos agronegócios, alavancando as vendas externas brasileiras, não pode deixar de lado a caracterização das profundas diferenças de desempenho reveladas entre grupos de cadeias de produção. Numa realidade, em termos gerais, favorável às exportações, pode-se caracterizar três grandes padrões de *performance* dos grupos de cadeias de produção dos agronegócios: